Pelo fim das violências contra
CRIANÇAS E ADOLESCENTES

PREPARANDO ESCOLAS PARA A VOLTA ÀS AULAS PRESENCIAIS

Um olhar para as crianças e os adolescentes vítimas de violência

Together to #ENDviolence
Solutions Summit Series

End Violence Against Children

Produzido pela **Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes**, este documento tem por objetivo oferecer a gestores, professores e funcionários das redes pública e particular de ensino recomendações para a reabertura das escolas, com ênfase na necessidade de que estejam preparadas para acolher crianças e adolescentes vítimas de violência e vulnerabilidades exacerbadas durante o período de isolamento social.

A pandemia da Covid-19 e suas consequências, para além das perdas em vidas humanas

Responsável pela morte de mais de dois milhões de pessoas em todo o mundo desde janeiro de 2020[1] e mais de 200 mil no Brasil em 11 meses[2], a pandemia da Covid-19 obrigou governos nacionais e subnacionais a decretarem medidas de isolamento social mais ou menos restritivas, que levaram ao fechamento de comércios e serviços. No caso brasileiro, passado quase um ano desde que as primeiras medidas foram anunciadas, o plano nacional de imunização teve início, mas os números de infectados e mortos ainda crescem em ritmo acelerado.

Para além das mortes e das consequências da pandemia sobre o sistema público de saúde, a necessidade de imposição de medidas de isolamento social levou o Brasil a uma grave crise econômica, não havendo consenso sobre quanto tempo levará a recuperação e quais serão os impactos da pandemia sobre índices como o desemprego em 2021.

Somam-se às perdas em vidas humanas e à crise econômica os efeitos da pandemia sobre serviços públicos. Em todo o mundo, escolas foram fechadas a fim de evitar a propagação do vírus. No Brasil, é intenso o debate sobre os prós e os contras da eventual reabertura das escolas, não havendo consenso nem mesmo entre entidades médicas, pesquisadores e profissionais da educação sobre a retomada das aulas presenciais.

[1] WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. Disponível em: https://covid19.who.int
[2] MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. Disponível em: https://covid.saude.gov.br

Impactos do fechamento das escolas sobre crianças, adolescentes e profissionais da educação

A decisão sobre o momento ideal para a volta às aulas presenciais é complexa, pois, se por um lado existe o risco de que o número de infectados pelo vírus cresça, por outro, a suspensão prolongada produz impactos também bastante concretos. O risco de contágio é exacerbado nas escolas públicas, nas quais não é incomum a falta de água e itens de higiene, sem os quais retomada das aulas presenciais representaria um risco incalculável para toda a comunidade escolar.

O debate acerca do tema é polarizado e ainda fortemente voltado às questões relacionadas às perdas em matéria de conteúdos curriculares. Contudo, as escolas desempenham outros papéis, que extrapolam em muito a educação formal. Elas são espaços em que crianças e adolescentes são preparados para o exercício da cidadania, a convivência comunitária e o respeito e a valorização da diversidade e das diferenças, que ampliam o capital democrático da sociedade. As escolas são ainda parte integrante do Sistema de Garantias de Direitos da Criança e do Adolescente (SGDCA), sendo peças-chave do seu eixo de promoção, que diz respeito à implementação das políticas sociais básicas.

Por isso, muito além do óbvio prejuízo ao processo de aprendizagem, o período de fechamento das escolas pode ter levado mais crianças e adolescentes à exposição a violências, estresse mental e emocional, além de acentuar vulnerabilidades preexistentes. Por exemplo, crianças de famílias de baixa renda muito provavelmente vêm sofrendo ainda mais privações, além de terem menor acesso à internet e às plataformas digitais de aprendizagem[3]. Não se pode esquecer que a escola é fonte de alimentação para muitos estudantes, que contam com as refeições por ela oferecidas, de modo que a não frequência à escola impacta também esse direito.

Ainda, crianças e adolescentes que eram vítimas de *bullying* podem estar sendo vítimas de atos de intimidação e humilhação online, prática conhecida como *cyberbullying*, ou apresentar quadros exacerbados de ansiedade diante da perspectiva da volta ao ambiente escolar.

Por sua vez, professores também estão expostos a níveis elevados de estresse e ansiedade[4], gerados pela mudança brusca de rotina, a pressão pela necessidade de que aprendam a utilizar plataformas digitais, os desafios da manutenção de vínculos com os alunos à distância e o acúmulo de tarefas, já que seus filhos também estão em casa.

Independentemente do momento escolhido para a volta às aulas e do formato adotado – retomada parcial, por exemplo, com revezamento das turmas –, professores, funcionários e gestores terão que se adaptar a uma nova realidade e se preparar para acolher crianças e adolescentes fragilizados, ou, pior, traumatizados por violações de diversas naturezas sofridas durante o período de isolamento social. Se em tempos normais as escolas acolhem e protegem, essa tarefa se torna, a um só tempo, ainda mais importante e desafiadora em um contexto de carências, desigualdades e vulnerabilidades acentuadas. Pensando as escolas como lugares em que crianças, adolescentes e suas famílias têm acesso a políticas públicas de proteção social, urge que elas se preparem para

[3] Segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 97% dos seis milhões de estudantes brasileiros sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou em rede móvel 3G/4G frequentam a rede pública de ensino. Já a pesquisa TIC Educação 2019, desenvolvida pelo Centro regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), revelou que 39% dos estudantes de escolas públicas de áreas urbanas do país não têm computador ou tablet em casa.

[4] Pesquisa realizada pela organização Nova Escola com mais de oito mil respondentes indicou que 28% dos profissionais da educação ouvidos consideram que sua saúde emocional se encontra ruim ou péssima em relação ao período pré-pandemia, ao passo que 30% consideram que sua saúde emocional é razoável.

Como as escolas devem se preparar para a volta das crianças e adolescentes?

Com base em experiências internacionais e publicações[5] especializadas sobre o tema, a **Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes** elaborou as recomendações abaixo, a fim de contribuir para que o processo de volta às escolas no país seja conduzido de modo a atender as necessidades das crianças e dos adolescentes mais vulneráveis, mas também dos próprios professores.

É importante destacar que as recomendações dizem respeito exclusivamente à forma como a comunidade escolar deve se preparar para acolher crianças e adolescentes que podem ter sofrido violências durante o período de fechamento das escolas. Contudo, é essencial garantir, antes de tudo, que o retorno às escolas seja seguro e que sejam minimizados os riscos de contágio. Crianças, adolescentes e suas famílias devem ser orientados sobre os protocolos de retorno, de modo que também sejam colaboradores nesse processo. A reorganização do espaço físico, a oferta de materiais de higiene (sabão/sabonete e álcool 70%, líquido e em gel), a desinfecção frequente de superfícies e a distribuição de máscaras de tecido para os que não disponham de máscaras são medidas indispensáveis para garantir a proteção de estudantes, professores e demais funcionários.[6]

Preparando a comunidade escolar para acolher crianças e adolescentes vítimas de violência

1 Diante do papel central das escolas como espaços privilegiados para a prevenção ou a interrupção de ciclos de violência, é fundamental que gestores estabeleçam e implementem protocolos claros para atuação nesses casos. Devem ser criados ou fortalecidos fluxos para o acolhimento e o encaminhamento de denúncias de violência contra crianças e adolescentes.

2 Gestores podem aproveitar o momento de preparação para o retorno às aulas presenciais para organizar processos formativos voltados a professores e demais funcionários, sobre os seguintes temas:

2.1. Diferentes manifestações de violência contra crianças e adolescentes (negligência, violência física, violência sexual, abuso sexual, violência institucional etc.) – ainda que já tenham lidado com essas questões em seu trabalho cotidiano, é importante que estejam claras as diferenças entre essas formas de violência e que sejam esclarecidos e debatidos mitos acerca delas;

2.2. É preciso que professores e demais funcionários tenham seu olhar treinado para reconhecer possíveis sinais de violência. As evidências de ocorrência de violências são compostas por um conjunto de sinais apresentados pela vítima, que não podem ser interpretados isoladamente. Materiais como o "Guia de Referência: Construindo uma cultura de prevenção à violência sexual" (Childhood Brasil) podem ser utilizados em processos formativos realizados antes da retomada das aulas presenciais;

2.3. Além da capacitação sobre diferentes formas de violência e seus sinais, professores, demais funcionários e gestores devem conhecer em detalhes a Lei 13.431/2017, conhecida como Lei do Atendimento Integrado e da Escuta Protegida, e o Decreto nº 9.603/2018, que regulamenta a lei. Em seu art. 11, o decreto define as medidas que profissionais da educa-

[5] A formulação das recomendações teve como referência as seguintes publicações: "Recomendações para a reabertura de escolas" e "Notas de orientação sobre a reabertura das escolas no contexto da Covid-19 para os ministérios de educação na América Latina e no Caribe", das Nações Unidas, "Reabrir as escolas com segurança: Recomendações para a construção de um processo adequado de retorno às aulas para prevenir e combater a violência contra as crianças nas escolas e fora delas", da Parceria Global pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, e "Retorno seguro à escola: um guia prático", do Global Education Cluster.

[6] Elaborado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o "Manual sobre biossegurança para reabertura de escolas no contexto da Covid-19" é uma importante referência nesse sentido, trazendo orientações para a promoção de práticas de biossegurança nas escolas.

ção devem adotar quando crianças ou adolescentes revelarem atos de violência dos quais foram vítimas. É necessário que fique claro que a criança ou o adolescente que reportou alguma situação de violência deve ser encaminhada(o) para os serviços competentes, que dispõem de ferramentas adequadas para a escuta especializada, a fim de evitar sua revitimização;

2.4. Nos municípios em que houver fluxos intersetoriais definidos e implantados para o acolhimento e encaminhamento de denúncias de violência, professores e demais funcionários devem passar por capacitação sobre os fluxos. As diferentes secretarias envolvidas podem criar uma rotina de encontros em que sejam discutidos os desafios relacionados ao possível aumento de casos notificados a partir da reabertura das escolas.

3 Crianças e adolescentes devem receber informações sobre canais de denúncia e serviços de acolhimento. Essa é uma medida fundamental, pois há casos de violência que não serão identificados pelos profissionais e vítimas que não conseguirão ou terão coragem de fazer denúncias. Ainda, não se sabe se as escolas passarão por novos períodos de fechamento caso o número de infectados e mortos cresça ainda mais. Portanto, o período imediato à reabertura deve ser aproveitado para que crianças e adolescentes tenham acesso a informações sobre como se proteger e denunciar violências das quais possam ser vítimas.

4 A pandemia levou crianças e adolescentes de todo o mundo ao uso ampliado da internet, o que aumentou sua exposição aos crimes cibernéticos e a tentativas de aliciamento. Infelizmente, a necessidade de um novo período de fechamento das escolas não pode ser descartada até que uma vacina esteja disponível. Nesse sentido, o período de volta às escolas deve ser aproveitado para orientar crianças e adolescentes sobre como evitar sua vitimização e procurar ajuda caso sofram abuso ou exploração sexual online. Ainda que as escolas permaneçam abertas, o distanciamento social imposto pela pandemia continuará em alguma medida, fazendo com que o acesso a plataformas online e redes sociais siga ocorrendo de forma intensiva.

5 Meninas podem ter sido especialmente afetadas pelo período de isolamento social, seja porque compõem a maior parcela das vítimas de violência e abuso sexual, seja porque é possível que tenham assumido mais tarefas domésticas por estarem em casa durante o dia. Embora professores, funcionários e gestores devam estar atentos a todas as crianças e adolescentes, atenção redobrada deve ser dedicada às meninas. Crianças e adolescentes com deficiências também são particularmente vulneráveis e é essencial que as escolas estejam atentas às formas específicas como a pandemia e o isolamento social podem tê-los afetado.

6 É importante que as escolas criem ambientes acolhedores para a volta às aulas presenciais. A produção de materiais com mensagens acessíveis e inclusivas sobre bem-estar, prevenção e redução do estresse e controle de ansiedade deve ser estimulada e contar com a participação de crianças e adolescentes. Atividades voltadas à promoção do bem-estar físico e mental devem ser priorizadas no início, inclusive por meio de aprendizagem ao ar livre[7], ainda que as lacunas de aprendizagem preocupem. É preciso garantir para que a necessidade de recuperar o tempo perdido no que diz respeito aos conteúdos não se sobreponha aos cuidados com o bem-estar das crianças e dos adolescentes, abalado também pela própria defasagem decorrente do fechamento das escolas.

7 Não se pode esquecer que a experiência da perda e da morte de entes queridos vivenciada por tantos durante a pandemia também constitui uma forma de violência, que contribui sobremaneira para aumentar o estresse e outros agravos em saúde mental, especialmente em crianças e adolescentes. A morte em si é um episódio marcante e traumati-

[7] O papel da natureza no planejamento da reabertura das escolas", Instituto Alana. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/volta-as-aulas

zante. Durante a pandemia, elas foram mais frequentes e ocorreram em contextos particularmente traumáticos, dados a impossibilidade de compartilhar os últimos dias e se despedir dos entes queridos, a sensação de impotência diante da impossibilidade de tratamento, o isolamento da rede de apoio social e o medo da contaminação. Somadas a outras violências vividas durante o período, as perdas vividas por tantas crianças e adolescentes certamente terão graves repercussões. A escola é um ambiente muito oportuno para compartilhar e trabalhar essas vivências. Não se espera uma abordagem especializada, mas a constituição de um espaço de acolhimento, escuta, empatia e solidariedade.

8 Deve ser encorajada a criação de comitês formados por professores, funcionários e gestores em que possam ser discutidos casos de violência identificados e/ou reportados, espaços em que esses profissionais possam acolher uns aos outros e buscar orientação quando necessário. Estes comitês devem contar com a participação dos grêmios estudantis, espaços de representatividade e participação juvenis nos processos decisórios das escolas.

9 Assim como as crianças e os adolescentes, professores e demais funcionários também estiveram sujeitos ao estresse mental e à ansiedade inerentes ao isolamento social e à necessidade de adaptação brusca a uma nova realidade. Por isso, a criação de mecanismos de apoio para colaboradores é uma medida essencial. Devem ser criados espaços de troca e diálogo regulares entre todos os funcionários da escola, em que possam ser levadas suas angústias e dificuldades, inclusive em relação a eventuais sinais de que seus alunos tenham sido vítimas de violência. Instrumentos de mensuração de níveis de estresse e ansiedade podem ser criados e aplicados periodicamente, a fim de identificar professores e demais funcionários que precisem de apoio.

10 As escolas devem criar mecanismos de monitoramento de absenteísmo e evasão, que podem sinalizar vulnerabilidades. Crianças e adolescentes que já apresentavam risco de evasão podem não voltar às escolas quando elas forem reabertas; é preciso acompanhar esses casos, pois o abandono escolar no contexto da pandemia pode estar relacionado a violações e dificuldades vivenciadas e exacerbadas durante o isolamento social.

COMO AJUDAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA?

Orientações para professores e educadores

Professores e educadores devem estar preparados para observar, abordar e ouvir seus alunos, além de saber como buscar ajuda de outros profissionais quando necessário. As orientações abaixo são importantes para a abordagem e a escuta de crianças ou adolescentes que apresentem sinais de que podem ter sido vítimas de violência:

» Demonstre disponibilidade para conversar e busque um ambiente apropriado para isso

» Ouça atentamente, sem interromper, e não pressione para obter informações

» Utilize linguagem acessível à criança/adolescente

» Leve a sério tudo o que ouvir, sem julgar, criticar ou duvidar do que a criança/adolescente diz

» Mantenha-se calmo e tranquilo, sem reações extremadas ou passionais

» Expresse apoio, solidariedade e respeito, e reforce que a criança/adolescente não tem culpa do que aconteceu

» Explique à criança/adolescente que será necessário conversar com outras pessoas para protegê-lo(a)

» Evite que muitas pessoas saibam dos acontecimentos, para minimizar comentários desagradáveis e inapropriados, e a estigmatização da criança/adolescente

» Se for entrar em contato com a família, é preciso ouvir antes da criança/adolescente quais são as pessoas que ela aprova como interlocutores

» Mostre-se disponível para novas conversas, sempre que a criança/adolescente precisar

» Anote tudo o que lhe foi dito, assim que possível, pois depois isso poderá ser utilizado em procedimentos legais

---

A Fonte: "Informe-se – Professor/Educador", Childhood Brasil. Disponível em: https://www.childhood.org.br/informe-se#professor-educador

Referências úteis para apoiar as escolas no processo de reabertura

- **"Guia de referência: Construindo uma cultura de prevenção à violência sexual - 4ª Edição"**
(Childhood Brasil, 2020)
https://www.childhood.org.br/childhood/publicacao/Guia_de_Refere%CC%82ncia_4_Edic%CC%A7a%CC%83o_2020_PAG_DUPLA.pdf

- **"Manual sobre biossegurança para reabertura de escolas no contexto da Covid-19"**
(Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2020)
http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/manual_reabertura.pdf

- **"Navegar com segurança - Por uma infância conectada e livre da violência sexual"** (Childhood Brasil, 2012)
https://new.safernet.org.br/sites/default/files/content_files/navegue_com_seguranca.pdf

- **"Notas de orientação sobre a reabertura das escolas no contexto da Covid-19 para os ministérios de educação na América Latina e no Caribe"** (UNICEF, UNESCO e PMA, 2020)
https://www.unicef.org/brazil/media/10391/file/notas-orientacao-sobre-reabertura-escolas-contexto-covid-19-para-ministerios-educacao-na-america-latina-e-no-caribe.pdf

- **"O papel da natureza no planejamento da reabertura das escolas"** (Instituto Alana, 2020)
https://criancaenatureza.org.br/volta-as-aulas

- **"Parâmetros de escuta de crianças e adolescentes em situação de violência"**
(Comissão Intersetorial de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2017)
https://www.childhood.org.br/childhood/publicacao/Para%CC%82metros_de_Escuta_de_CeA_em_Situac%CC%A7a%CC%83o_de_Violе%CC%82ncia.PDF

- **"Protocolo Brasileiro de Entrevista Forense com Crianças e Adolescentes Vítimas ou Testemunhas de Violência"**
(Childhood Brasil, Conselho Nacional de Justiça, UNICEF Brasil e National Children's Advocacy Center, 2020)
https://www.childhood.org.br/childhood/publicacao/protocolo_entrevista_WEB.pdf

- **"Reabrir as escolas com segurança: Recomendações para a construção de um processo adequado de retorno às aulas para prevenir e combater a violência contra as crianças nas escolas e fora delas"**
(Parceria Global pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, 2020)
https://www.end-violence.org/sites/default/files/paragraphs/download/STL%20back%20to%20school%20messages%20Portuguese.pdf

- **"Recomendações para a reabertura de escolas"** (UNICEF, UNESCO, PMA e Banco Mundial, 2020)
https://www.unicef.org/brazil/media/8761/file/marco-de-acao-e-recomendacoes-para-a-reabertura-de-escolas.pdf

- **"Retorno seguro à escola: um guia prático"** (Global Education Cluster, 2020)
https://inee.org/system/files/resources/Guia_Retorno%20Seguro%20Escola_%2026.8.20%20Digital.pdf

- **"Saferdic@s: Brincar, estudar e... navegar com segurança na internet"** (SaferNet Brasil, 2012)
https://new.safernet.org.br/sites/default/files/content_files/cartilha-saferdicas.pdf

- **"Segurança no aprendizado durante a COVID-19: Recomendações para prevenir e responder à violência contra crianças em todos os ambientes de aprendizagem"**
(Parceria Global pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, 2020)
https://www.end-violence.org/sites/default/files/paragraphs/download/STL%20COVID%2019%20Recommendations%20Portuguese.pdf

- **"TÁ NA HORA de falar sobre exploração sexual com seus alunos"** (Instituto Liberta, 2019)
https://liberta.org.br/revista-online-ta-na-hora

Sobre a Coalizão

A Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes é um grupo formado por organizações, fóruns e redes dedicados à prevenção e ao enfrentamento das violências contra crianças e adolescentes no Brasil.

O grupo teve origem no final de 2017, quando passou a articular a adesão do governo brasileiro à Parceria Global pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes, iniciativa lançada pelas Nações Unidas em 2016, voltada à promoção de ações direcionadas ao alcance do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 16.2: Eliminar todas as formas de violência contra crianças e adolescentes. No início de 2018, como resultado da mobilização do grupo, o Brasil aderiu à Parceria Global, tornando-se um país pioneiro (pathfinding country).

Em 2019, a Coalizão atuou diretamente pela adesão do município de São Paulo à Parceria Global. Hoje, São Paulo é uma das três cidades pioneiras (pathfinding city) do mundo, ao lado de Pelotas (RS) e Valenzuela, nas Filipinas.

4daddy
Avante Educação e Mobilização Social
Centro de Estudos Integrados, Infância, Adolescência e Saúde (CEIIAS)
Childhood Brasil
ChildFund Brasil
Instituto Alana
Instituto da Infância (IFAN)
Instituto Liberta
Plan International Brasil
Programa de Investigação Epidemiológica em Violência Familiar (PIEVF)/IMS/UERJ
Rede Não Bata, Eduque

gpevac.brasil@gmail.com